

ficos cuidadosamente construídos permitem, mesmo a um leigo, observar concretamente alternâncias de comportamento ditos conformistas com os surtos de independência, bem como diferentes crianças, o que nos permite pensar nos aspectos biopsíquicos de cada criança, que nossa escola realmente não leva em conta.

O estudo descreve ainda, em diferentes momentos da situação escolar, a competição que ocorre entre atividades impostas pela professora e outras exigências da situação a que está exposta a criança, como por exemplo, a solicitação para brincar que lhe vem das outras crianças, mostrando também como há diferentes ritmos de alternância de comportamentos específicos, para a mesma criança em diferentes atividades. E mais: analisa ainda diferenças que derivam da interação com diferentes tipos de professoras (mais autocrática, menos autocrática).

Enfim, um estudo que revela a riqueza e a complexidade das interações possíveis numa sala de aula, e que embora numa outra linha de pesquisa, faz lembrar o conceito de "par educativo" expresso por Marchand em *Afetividade do Educador*. E que dessa forma põe em relevo a criança - ativa e independente - cujas atitudes não são meros resultados da imposição dos adultos, mas sim, as resultantes de um processo dialético.

Caberia, portanto, à escola, abrir espaço para que esse processo pudesse se realizar de maneira menos dolorosa e violenta, permitindo à criança um crescimento mais autêntico e uma busca mais livre no caminho da autonomia.

Dulce C. A. Whitaker

PESQUISA-AÇÃO NA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA

René Barbier

Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

A partir das teses suscitadas na França pela corrente de idéias chamada de contra-sociologia, sociolo-

gia institucional ou arte sociológica, Barbier demonstra neste trabalho os pressupostos teórico-práticos do que entende por instituição e por pesquisa-ação institucional. Tais teses fundam-se na aceitação da "hiper-complexidade e sobredeterminação do social", bem como da "articulação dialética entre infra-estrutura e superestrutura", refutando-se a teoria do "reflexo". A pesquisa-ação é eleita por esses enfoques como instrumento de elaboração através de análises multidimensionais e multireferenciais apreendendo-se o macro-social sem no entanto, desprezar-se os "micro-contecimentos capazes de questionar o sistema instituído".

Tomando como ponto de partida as concepções de Kurt Lewin a respeito de pesquisa-ação Barbier, no entanto, a elas se contrapõe na medida em que, para ele, o conhecimento derivado dessa investigação não deve servir apenas ao propósito de produzir melhorias superficiais nos grupos sociais ou instituições envolvidas, mas deve ter por objetivo a intervenção no sentido de produzir mudanças estruturais.

O autor privilegia, dentro do vasto campo da pesquisa-ação, a de caráter institucional, ou seja, aquela que se propõe a investigar as instituições nas quais estão inseridos os grupos sociais com que o investigador pretende trabalhar. Trata-se de desmontar, "através de um método analítico, a rede de significações das quais a instituição é portadora enquanto célula simbólica".

O uso do termo "célula simbólica" se justifica à medida que dialogando com os "reprodutivistas" Barbier, baseado em Castoriadis, irá definir instituição como uma "rede simbólica socialmente sancionada na qual se combinam (...) um componente funcional e um componente imaginário". Esses componentes se interrelacionam dialeticamente dando dimensão ao instituído e ao instituinte da instituição. Ao contrário do que os reprodutivistas preconizam, a instituição, tal como aqui definido, passará a ser caracterizada como dinâmica, viva e temporal por isso "célula" e não "aparelho", do mesmo modo que o uso do termo "simbólico" tenta não só abarcar o que é ideológico mas superá-lo pois supõe também o revolucionário.

Nessa mesma perspectiva o autor redimensiona o conceito de "habitus". Barbier entende-o não como uma "caixa preta" que interioriza a exterioridade instituída mas como possuidor também da "dimensão

instituinte" aberta para o imaginário. O "habitus" se apresenta então como constituído não só pela violência simbólica, i.e., pela sua exterioridade, mas também pelo que Barbier caracteriza como "motor do real", ou seja, os sonhos e as utopias. Com isto ele tenta extrapolar os estereótipos da totalização teórico-prática buscando conhecer os projetos utópicos, as saídas individuais, que podem se constituir em "brechas" significantes ao instituído, elaborando em maior nível de complexidade uma análise do homem e de suas relações sociais em contraposição à análise althusseriana.

O pressuposto de Barbier é o de que na pesquisa onde o pesquisador é um ser coletivo (o grupo), este, ao desvendar as contradições internas e externas a ele próprio e à instituição, através da análise macro e microsossial se constitui na sua dimensão instituinte. Para isto ele pode contar ou não com o concurso de especialistas. Neste caso o papel seria o de auxiliar o grupo num processo de reflexão que possibilitasse sua passagem da condição de grupo-objeto para a condição de grupo-sujeito.

Na perspectiva do autor, a análise da práxis institucional se efetua em dois momentos interdependentes: o da *socioanálise institucional* através da qual se tentará apreender a história do grupo, suas implicações com a organização, a relação de poderes instituída dentro e fora do grupo a rede de contradições existente na práxis deste grupo que se constitui a própria instituição. O da *sociologia institucional* através da qual se realizará uma análise, que supõe um grupo já estruturado, onde seja possível "o reconhecimento, a decodificação e a decifração do campo institucional singular".

Na medida que a escola é uma instituição, e Barbier assim a considera, a análise institucional proposta por ele deve ser executada no âmbito escolar na tentativa de desvelar as implicações intra e extra institucionais a que está submetida. Essa afirmação não é derivada apenas de pressupostos teóricos mas da própria prática do autor em animação e formação de grupos que procuram a Formação Permanente.

Cláudia Pereira Vianna

A UNIVERSIDADE EM RITMO DE BARBÁRIE

José Arthur Giannotti
São Paulo, Brasiliense, 1986.

O livro do Professor Giannotti revela, de pronto, uma qualidade: pega o leitor, no caso a leitora, pelo estômago, fazendo-a, numa tarde de Copa do Mundo – após uma vitória do Brasil – lê-lo de um fôlego só, até a última página.

A despeito de vários acessos de mau humor, alguns dirigidos diretamente a nós, pedagogos e pedagogas – como é o caso da referência à "tal de teoria pedagógica (que) me parece consistir num monte de obviedades tratadas com a maior presunção" (p.36-7) – o autor, em seu texto, misto de desabafo e interpretação crítica, traz uma contribuição original e oportuna para o atual debate sobre a universidade brasileira.

Contrapondo civilização e barbárie como duas dimensões de um mesmo processo, Giannotti utiliza-as enquanto instrumentos que lhe permitem organizar a análise, como hipóteses, reconhecendo que trata-se de conceitos que já "perderam sua respeitabilidade teórica" (p.10). Como exemplo, cita o desenvolvimento dos sistemas de comunicação, quando, ao lado de uma abertura de novas possibilidades de troca, de integração e de descobertas, dá-se o desenvolvimento paralelo de uma espécie de "segunda natureza", que é o seu suporte organizativo, necessário para a manutenção e expansão desses sistemas, e que contém seu lado "perverso", como é o caso do aumento do potencial de um controle centralizado sobre a esfera privada de vida.

No âmbito da universidade, o autor mostra como convivem, ao lado de seus objetivos mais aparentes de pesquisa, docência e prestação de serviços, as tendências que poderíamos entender como ligadas à reprodução de suas atividades "meio". Com o desenvolvimento técnico, crescem "as grandes organizações automáticas dotadas de finalidade interna que determinam o ritmo, a divisão e a especificação do trabalho, e não o inverso" (p.20). O trabalho intelectual, a pesquisa, não escapam desse tipo de organização. A universidade moderna também é uma grande máquina onde coexistem as duas tendências opostas: de um lado a rotina, a repetição de tarefas desinteres-